

FEITIÇO DO TEMPO... A ANGÚSTIA DE NÃO VIVER MAS APENAS EXISTIR



“... *Desperta, tu que dormes, levanta-te dentre os mortos e Cristo te iluminará. Portanto, estai atentos para que o vosso procedimento não seja de tolos, mas de sábios, aproveitando bem cada oportunidade, porque os dias são maus.*” (Efésios 5.14-16 – Almeida Século 21)

Uma das maiores preocupações do ser humano é com o tempo. Se estamos muito atarefados, dizemos que nos falta tempo. Várias horas são como poucos minutos – principalmente se você estiver atrasado ou com muito sono pela manhã. Por outro lado, se estamos ociosos demais, reclamamos que o tempo não passa. Alguns minutos são como dezenas de horas – principalmente se você estiver em uma enorme fila de banco ou em um volumoso congestionamento. Na realidade, o problema não está no tempo em si, mas na forma como lidamos ou reagimos a ele.

Não sou cinéfilo, mas gosto muito de assistir a bons filmes, na tentativa de extrair algum tipo de ensinamento que me seja útil, como comportamento e/ou filosofia. Isso porque os filmes são, em muitos aspectos, espelhos que refletem a alma do ser humano e seus anseios.

Considerado, em 1993, o melhor filme do ano pela revista *Total Film* e o melhor filme de comédia pela *British Comedy Awards* (cerimônia de premiação no Reino Unido), **Feitiço do Tempo** é uma comédia romântica, cuja produção discute o egocentrismo humano e o conseqüente mau uso do tempo cotidiano. Desde que foi lançado o filme é usado em inúmeros cursos de desenvolvimento pessoal e administração do tempo devido a sua riqueza em conceitos que comumente são abordados nesse tipo de evento.

No filme, Bill Murray interpreta Phil Connors, um egocêntrico homem do tempo da TV em Pittsburgh, que é escalado mais uma vez para cobrir as festividades do Dia da Marmota (2 de fevereiro) em Punxsutawney, uma pequena cidade do estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Ele não vê a hora de terminar o trabalho e voltar para casa, mas por causa de uma forte nevasca é obrigado a passar a noite em um hotel. Quando Phil Connors acorda no dia seguinte, o inesperado acontece: ele cai em um “feitiço do tempo”, e todos os dias seguintes passam a se repetir sempre iguais ao Dia da Marmota (a menos que ele interfira nos acontecimentos). Quando ele percebe o feitiço, passa a tirar vantagem dele, mas depois vem o tédio e o sentimento de frustração por não saber como sair daquela situação. Depois de se deixar levar por todas as formas de perseguições hedonísticas, ele começa a

reavaliar sua vida e prioridades. Em vez de se preocupar apenas consigo mesmo e se entediar com a mesmice do dia-a-dia, Phil Connors começa a prestar atenção nas pessoas ao seu redor e passa a ajudá-las nas mais diversas necessidades – simples ou complexas. **Feitiço do Tempo** serve como inspiração para que cada pessoa olhe para dentro de si e perceba que a única satisfação na vida vem de se virar para fora e se preocupar com as necessidades e anseios das outras pessoas.

O personagem Phil Connors (protagonista do filme) serve como exemplo de pessoas que, em diversos momentos, se comportam como se estivessem “presas” dentro do “tempo” que é peculiar a elas. Habitaram-se a vivenciar um dia após o outro, mas sem conseguir discernir as novidades de cada novo dia. Para gente assim, todo dia é igual ao anterior: sem novidades, sem novas criações ou desenvolvimentos, sem perspectivas de futuro melhor, sem esperança, sem graça, sem vida.

É fácil depararmos com pessoas que, há muito tempo, deixaram de “viver” e passaram apenas a “existir” dentro do próprio tempo. São indivíduos cujos lábios já não produzem nada de bom. Do coração deles não emana mais o amor e a feição dos seus rostos externaliza apenas a amargura, a dor, o sofrimento, a decepção.

Em determinado momento do filme, o personagem Phil Connors fica tão desiludido com a apatia e a mesmice da própria vida que, por diversas vezes, ele tenta – ainda que sem sucesso – dar fim à sua existência. Phil Connors queria tanto experimentar alguma novidade no seu dia-a-dia que, não conseguindo, preferiu morrer. Na realidade, ele não queria gerar a morte em si mesmo, mas apenas matar a vida dentro dele – que dentro da realidade cotidiana que o cercava, não lhe oferecia nada mais do que tédio contínuo e permanente. Grandes homens de Deus vivenciaram situações semelhantes a ponto de, não mais conseguindo prospectar o futuro esperançoso, desejaram para si a morte com meio de não mais vivenciarem o presente fastidioso (cf. 1Reis 19.4).

O idealizador e fundador do moderno Estado indiano, Mahatma Gandhi, tem por costume ensinar que “*nós precisamos ser a mudança que queremos no mundo*”. E foi isso que o personagem de Bill Murray fez. Quase no final do filme, Phil Connors toma consciência de que, já que tudo ao seu redor permanecia sempre da mesma forma, então ele deveria ser a mudança que gostaria de ver. O outrora egocêntrico repórter – de posse do conhecimento prévio de todos os acontecimentos daquele dia sem fim – passa a focar os olhos nos problemas e necessidades alheios, e ajuda, da melhor forma possível, todas as pessoas que estavam ao seu alcance – independente de gênero, idade, etnia ou classe social. Todos os moradores da cidade de Punxsutawney – local onde Phil estava “preso” no tempo, se tornaram alvos potenciais de suas boas ações.

O empreendedor americano Emanuel James “Jim” Rohn (1930 – 2009) é autor de uma frase que se tornou célebre. Ele dizia: “*Tudo muda quando você muda*”. E foi esse o resultado foi que Phil Connors experimentou. No instante em que decidiu ajudar os outros, em vez de pensar apenas em si

mesmo, ele foi liberto do “feitiço do tempo” e novamente passou a contemplar um novo dia e uma nova manhã, diferente dos dias anteriores.

As pessoas culpam tanto as circunstâncias, situações e condições de vida pela sua infelicidade ou felicidade que não percebem que o que estão procurando de verdade, aquela paz interior que elas nem sabem o que é, é “encontrável” e independente de qualquer circunstância de vida. Isso fica claro no filme – o dia é sempre o mesmo, no entanto, o personagem passa por diversas fases, adotando as mais diversas atitudes, de revoltado a despreocupado, de depressivo a engajado e motivado. Tudo em seu mundo era o mesmo, no entanto, eram as suas atitudes em relação ao dia-a-dia quem determinava “o que acontecia” em sua vida. Como escreveu o poeta Luís Vaz de Camões (1524 – 1580), “*mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Muda-se o ser, muda-se a confiança. Todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades*”.

Diante do fato de que a presente reflexão não se trata de um texto de “autoajuda”, mas de “ajuda do Alto”, vejamos o que a Palavra de Deus tem a nos ensinar sobre esse assunto:

Ao escrever uma carta para a Igreja em Éfeso, o apóstolo Paulo orienta os seus leitores a **aproveitarem bem cada oportunidade**, porque os dias são maus. Na passagem bíblica, para o verbo “remir” (em algumas traduções), Paulo utiliza o vocábulo grego ἐξαγοράζω (*exagorázō* = “comprar para si mesmo, para uso próprio”) que expressa a ideia de “fazer uso sábio e sagrado de cada oportunidade para fazer o bem, de tal forma que o zelo e o bem que se faz são de certo modo o rendimento em dinheiro pelo qual nós fazemos nosso o próprio tempo”¹.

Em outras palavras, **aproveitar bem cada oportunidade** significa **viver uma vida que valha a pena ser vivida**, “fazendo o máximo em cada oportunidade, tirando a melhor vantagem de cada oportunidade, visto que nenhuma pode ser trazida de volta se for perdida”². Esse é o sentido do termo “tempo”, do grego κairós (*kairós* = “oportunidade”)³, utilizado pelo apóstolo Paulo (cf. Efésios 5.16; Gálatas 6.10; Colossenses 4.5) e também pelo roteirista do filme estrelado por Bill Murray. Enquanto o personagem Phil Connors considerou o dia 2 de fevereiro (Dia da Marmota), como um simples χρόνος (*chrónos* = “espaço tempo, quer pequeno, quer longo”, “sucessão de tempos, menores ou maiores”)³, sua vida era desprovida de relevância e sentido prático. Mas quando esse “dia qualquer” passou a ser visto como “dia oportuno” para ajudar as pessoas, tudo ao seu redor tomou outra dimensão e conotação; e o personagem Phil Connors – que quase enlouqueceu por não conseguir sair de Punxsutawney – resolve até mesmo estabelecer moradia naquela cidade.

¹ STRONG, James. *Dicionário Bíblico de Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri: SBB, 2002. 1.352 p.

² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 931 p.

³ *Ibid.*, p. 1013.

De acordo com um velho ditado chinês: “A oportunidade usa um topete pelo qual você pode agarrá-la assim que a vê chegar. Depois que ela passa, ninguém consegue pegá-la”. No latim, o termo “oportunidade” (*opportunitas*) significa “*em direção ao porto de mar*”. Originalmente a palavra era usada apenas para representar os ventos mediterrâneos que colaboravam para os barcos à vela partirem de, ou chegarem a um determinado porto. A brevidade da vida é um forte argumento para que se faça o melhor uso possível das oportunidades que Deus dá mediante a iluminação de nossa mente. Em sua carta aos efésios o apóstolo Paulo ensina que Cristo nos fornecerá a porção de luz necessária para que possamos produzir as mudanças em nossa vida (cf. Efésios 5.14), isto é, Cristo derramará sobre nós a verdade divina como o sol transmite luz às pessoas que despertam do sono. Sendo assim, “*enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, principalmente aos da família da fé*” (Gálatas 6.10), “*com sabedoria para com os de fora, aproveitando bem cada oportunidade*” (Colossenses 4.5).